

ENDEREÇAMENTO EM PRODUÇÕES TEXTUAIS INFANTIS

Cristiane Carneiro CAPRISTANO

Universidade Estadual de Maringá

Taynara Alcântara CANGUSSÚ

Instituto Federal do Paraná – campus Paranavaí

Resumo: No modo de enunciação escrito, as crianças são invariavelmente afetadas pela necessidade de endereçar seus enunciados a um destinatário, já previsto nos próprios gêneros discursivos produzidos por elas, como propõe Bakhtin (2011). Por vezes, nessa tarefa, as crianças endereçam um mesmo enunciado para mais de um destinatário, gerando oscilações no endereçamento. Neste artigo, são justamente apresentadas reflexões sobre as possíveis motivações para a existência de oscilação no endereçamento em enunciados escritos infantis. Foi desenvolvida uma análise quanti-qualitativa de 180 enunciados, escritos por crianças do Ensino Fundamental I, a partir de seis propostas de produção textual. A análise pautou-se em referencial teórico formado, principalmente, pelos trabalhos do Círculo de Bakhtin, Corrêa (2004, 2006, 2011, 2013) e e Capristano e Oliveira (2014) e foi direcionada por princípios teórico-metodológicos inspirados no Paradigma Indiciário, como proposto por Ginzburg (1989). Pudemos observar que a instituição escolar seria um dos principais fatores motivadores das oscilações no endereçamento, tanto pela força da cena enunciativo-pragmática na qual os enunciados foram produzidos, quanto pela força discursiva exercida por ela na representação do escrevente sobre o destinatário a quem (seu) enunciado deve dirigir-se.

Palavras-Chave: Escrita infantil. Endereçamento. Gêneros Discursivos.

ADDRESSING CHILDREN'S TEXTUAL PRODUCTIONS

Abstract: In written enunciation mode, children are invariably affected by the need to address their utterances to a counterpart, already foreseen in the discursive genres produced by them, as proposed by Bakhtin (2011). Sometimes, in this task, children address the same statement to more than one counterpart, creating fluctuations in addressing. In this article, reflections on the possible motivations for the existence of oscillation in the addressing of children's written statements are presented. A quanti-qualitative analysis of 180 statements, written by children from Elementary School I, was developed, based on six textual production proposals. The analysis was based on a theoretical framework, formed mainly by the works of the Circle of Bakhtin, Corrêa (2004, 2006, 2011, 2013) and e Capristano and Oliveira (2014), and was guided by theoretical and methodological principles inspired by the Indigenous Paradigm, such as proposed by Ginzburg (1989). We could observe that the school institution would be one of the main motivating factors for oscillations in addressing, both because of the strength of the

enunciative-pragmatic scene in which the utterances were produced, and because of the discursive force exerted by it in the writer representation about the counterpart to whom (your) statement should be addressed.

Keywords: Children's writing. Addressing. Discursive Genres.

DIRECCIONAMIENTO EN PRODUCCIONES TEXTUALES INFANTILES

Resumen: En el modo de enunciación escrita, los niños se ven afectados invariablemente por la necesidad de dirigir sus enunciados a un receptor, ya prevista en los géneros discursivos producidos por ellos, como propone Bakhtin (2011). A veces, en esta tarea, los niños dirigen el mismo enunciado a más de un destinatario, generando fluctuaciones en el direccionamiento. En este artículo se presentan reflexiones sobre las posibles motivaciones de la existencia de oscilación al abordar las declaraciones escritas de los niños. Se desarrolló un análisis cuantitativo de 180 enunciados, escritos por niños de la Escuela Primaria I, a partir de seis propuestas de producción textual. El análisis se basó en un marco teórico formado principalmente por los trabajos del Círculo de Bakhtin, Corrêa (2004, 2006, 2011, 2013) e Capristano y Oliveira (2014) y estuvo guiado por principios teóricos y metodológicos inspirados en el Paradigma Indígena, tal como lo propone Ginzburg (1989). Podríamos observar que la institución escolar sería uno de los principales factores motivadores de oscilaciones en el direccionamiento, tanto por la fuerza del escenario enunciativo-pragmático en el que se produjeron los enunciados, como por la fuerza discursiva que ejerce en la representación. del autor sobre el destinatario (su) declaración debe abordarse.

Palabras-clave: Escritura infantil. Direccionamiento. Géneros discursivos.

INTRODUÇÃO

A escrita infantil tem mobilizado diversos pesquisadores de áreas de conhecimento distintas como a Psicologia, a Pedagogia e a Linguística (Teórica e Aplicada) que, com objetivos e perspectivas teórico-metodológicas também distintos, buscam entender melhor a relação sujeito/escrita na trajetória de constituição da criança como escrevente. Neste artigo, no qual apresentamos pesquisa desenvolvida no campo dos Estudos Linguísticos, na área de Ensino-aprendizagem de línguas, a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, entendemos a aquisição da escrita (e, de forma análoga, a produção escrita) como um processo complexo e multifacetado, no qual estão envolvidos “[...] o outro como instância representativa da língua (e da escrita em particular), a escrita na complexidade de seu funcionamento e a criança enquanto sujeito escrevente” (CAPRISTANO, 2013, p. 673-4).

É justamente uma das dimensões da relação da criança com o outro o tema a ser explorado nas linhas deste artigo. Partimos da constatação de que, no modo de enunciação

escrito, as crianças são afetadas pela necessidade de endereçar seus enunciados escritos a um destinatário. Esse destinatário seria um outro a quem seus enunciados devem se dirigir e que, segundo pensamos, já estaria previsto nos próprios gêneros discursivos produzidos pelas crianças, como propõe Bakhtin (2011).

Esta constatação é a mesma feita no trabalho de Capistrano e Oliveira (2014), também amparadas pelas reflexões do Círculo de Bakhtin, de Corrêa (2004, 2006, 2011, 2013) e de Authier-Revuz (1990). Nesse trabalho, as autoras analisaram o endereçamento de enunciados escritos infantis e observaram que as crianças, por vezes, endereçam um mesmo enunciado para mais de um destinatário, gerando o que chamaremos de “oscilação no endereçamento”. Nessa pesquisa, concluíram que

[...] no processo de produção de enunciados escritos, as crianças precisam negociar com os outros destinatários que as constituem e determinam os enunciados escritos que produzem. Assim, o outro/destinatário percebido e representado pelo escrevente não é apenas uma “moldura” para os (seus) enunciados, figura externa, e, sim, elemento constitutivo desses enunciados e condicionante das escolhas ortográficas, gráficas, lexicais, morfológicas, sintáticas, semânticas etc. que o escrevente deve/pode fazer (...) (CAPRISTANO; OLIVEIRA, 2014, p. 367).

Tendo como objetivo ampliar e desenvolver as reflexões apresentadas por Capistrano e Oliveira (2014), em especial, discutindo quais seriam as motivações para a existência de oscilação no endereçamento dos enunciados infantis, desenvolvemos uma pesquisa baseada em uma análise quanti-qualitativa sobre como se mostrava o endereçamento em produções textuais elaboradas por crianças. Nessa pesquisa, examinamos 274 enunciados escritos de crianças do último ano da primeira etapa do Ensino Fundamental I, enunciados produzidos a partir de 6 diferentes propostas de produção textual. Proposições teóricas do Círculo de Bakhtin, de Corrêa (2004, 2006, 2011, 2013) e de Capistrano e Oliveira (2014) fundamentaram a análise, também direcionada por princípios teórico-metodológicos inspirados no Paradigma Indiciário, como proposto por Ginzburg (1989).

A fim de apresentar parte desta pesquisa, este artigo será organizado da seguinte forma: primeiro, fazemos uma discussão teórica com a finalidade de apresentar a noção de endereçamento; depois descrevemos o corpus e os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa; por fim, apresentamos os resultados, bem como as discussões feitas a partir deles. O

artigo conta, ainda, com considerações finais, nas quais ponderamos sobre as contribuições da pesquisa à luz da retomada de seus objetivos.

1. ENDEREÇAMENTO COMO CONCEITO: A CRIANÇA E SEU DESTINATÁRIO¹

Nas obras do Círculo de Bakhtin, é unânime a colocação de que toda palavra e/ou enunciado é endereçado a alguém. Esse “alguém”, porém, é abordado, de maneiras diferentes, de modo que, a cada trabalho do círculo há, nas entrelinhas, o que podemos nomear como reinterpretações conceituais. Essas reinterpretações se materializam em mudanças terminológicas, posto que, nas obras do círculo de Bakhtin, esse “alguém” é nomeado por, pelo menos, cinco termos distintos: “pessoa”, “ouvinte”, “receptor”, “interlocutor” e “outro”.

A mudança de um termo para outro não é aleatória. O termo “pessoa”, por exemplo, é recorrentemente utilizado em “Discurso na Vida e Discurso na Arte” quando se trata de fazer referência ao participante direto do diálogo cotidiano, um ser que vivencia, com o locutor, o contexto pragmático no qual estão envolvidos. Em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, esse termo confunde-se com as noções de “ouvinte”, “receptor” e “interlocutor”, visto que esses termos ora ou outra também são apresentados para fazer referência aos participantes diretos do diálogo cotidiano. Eles, no entanto, em algumas partes da obra, ganham, de maneiras distintas, outros sentidos .

O termo “ouvinte”, por exemplo, é utilizado, muitas vezes, em Bakhtin e Volochínov (1976), como ser empírico participante direto da comunicação discursiva, a quem as palavras são direcionadas. O ouvinte é tratado, também, como portador de um papel discursivamente ativo, pois “co-seleciona” as palavras junto com o autor, como se pode observar no trecho a seguir: “(...) determinam a seleção de palavras do autor e a recepção desta seleção (a co-seleção) pelo ouvinte” (BAKHTIN, 1976, p.15). Esse papel é ainda mais explorado quando o “ouvinte” é abordado como um “influenciador” do trabalho dos falantes, visto que, como afirmam Bakhtin e Volochínov (1976, p. 15), esse falante “trabalha constantemente em conjunção com a simpatia, com a concordância ou discordância de seus ouvintes”.

¹ Nesta seção, retomamos algumas reflexões do Círculo de Bakhtin a partir das traduções indicadas nas referências bibliográficas, cientes de que uma mudança nas traduções pode suscitar mudanças na apresentação dos conceitos.

Apesar de existirem essas nuances que tendem a caracterizar o ouvinte de “Discurso na Vida e Discurso na Arte” como ativo, no breve texto “Metodologia das Ciências Humanas”, Bakhtin (2011, p. 405) critica o conceito de ouvinte, afirmando que ele não seria nem o ser empírico, “nem uma concepção psicológica de uma imagem de ouvinte na alma do autor”, mas sim “uma formação abstrata”. Essa crítica do autor incide sobre uma interpretação da concepção saussureana de ouvinte, retomada também no capítulo “Os gêneros do discurso”, para ser, igualmente, objeto de críticas. Bakhtin desaprova o fato de a linguística praticada com base nas contribuições de Saussure tratar o ouvinte como um “entendedor” de um “processo passivo de recepção e compreensão do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 271). Daí o motivo do afastamento de Bakhtin (2011) desse termo (e dessa interpretação) em “Os gêneros do discurso”.

Assim como acontece com o “ouvinte”, Bakhtin e Volochínov (1976 e 1986[1929]) também usam os termos “interlocutor” e “receptor” (utilizados por eles numa relação sinonímica) com matizes conceituais que apontam para uma participação ativa deles na produção do discurso. Evidências para essa interpretação podem ser encontradas na própria tese firmada por eles na qual a enunciação é entendida como “produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”, a qual coloca em cena essa participação ativa, uma vez que a existência do enunciado só se daria no seio da relação entre dois indivíduos: um locutor e um interlocutor (cf. BAKHTIN, 2011, p. 270).

A atuação do “interlocutor/ receptor”, porém, não parte somente de seu empirismo ou de seu individualismo, mas também da atuação desse “interlocutor/ receptor” na vida social, ou seja, da consideração da classe à qual pertence, da sua alocação em um grupo social etc. Segundo Bakhtin e Volochínov (1986, p. 116), “a palavra variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, etc.)”. Observe-se, pois, que excetuando-se o termo “pessoa”, os termos “ouvinte”, “receptor” e “interlocutor” são abordados em Bakhtin e Volochínov (1976 e 1986 [1929]) de maneira diferente, visto que o tratamento dado a eles repousa numa perspectiva a partir da qual a linguagem e os sujeitos são entendidos como sócio, histórica e ideologicamente constituídos.

Em todos os casos, as reflexões dos autores caminham na direção de alocar esse “alguém” a quem a palavra se dirige em um lugar mais complexo do que meramente o lugar de participante

na produção do enunciado. A nosso ver, essa questão, porém, só é mais diretamente discutida no capítulo “Os gêneros do Discurso”, quando Bakhtin (2011), reiterando uma reflexão feita também em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, instaura o “outro” como ponto de partida para defender a tese de que o enunciado deveria ser o objeto da Linguística.

Bakhtin (2011) defende essa tese porque, segundo ele, esse outro, “ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso”, não o faz de forma passiva, mas “ocupa, simultaneamente, em relação a ele [o discurso] uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo etc.” (cf. BAKHTIN, 2011, p. 302). Por esta razão, o outro participa ativamente da produção do enunciado, visto que o falante constrói o seu enunciado à medida que vai recebendo e/ou projetando uma atitude responsiva do outro.

Como esses “outros”, no geral, cristalizam-se historicamente como o determinante típico de um ou outro tipo relativamente estável de enunciado, eles passam a ser nomeados por Bakhtin (2011) também de “destinatários”. O destinatário seria, então, um “outro” a quem um enunciado se dirige, já previsto nos próprios gêneros discursivos. É o caso, por exemplo, do destinatário de uma carta pessoal, que será sempre um “alguém” distante com quem o produtor da carta mantém relações pessoais privadas, afetivas e íntimas e nunca um “alguém”, por exemplo, com o qual mantém relações comerciais. Nesse sentido, a carta pessoal, além de ter, como gênero discurso, estrutura composicional, estilo e temas próprios (como marcas de pessoalidade, interlocução direta e, em geral, mais informal, discussão de temas íntimos e privados etc.) também tem um destinatário típico, relativamente estável, mais ou menos cristalizado pela prática histórica e socialmente constituída de escrever cartas.

A participação desse outro/destinatário no funcionamento do enunciado não se dá somente devido a sua atitude responsiva (de discordância, concordância, dúvida etc.), mas, como antecipado, em muito está ligada também a quem ele é, pois, como comenta Bakhtin (2011, p. 301), o outro/destinatário, mesmo quando equivale a um falante empírico, pode “dividir-se em papéis sociais” (o de mãe, de professor, de irmão etc.) e essa divisão atua diretamente na produção dos enunciados. Nesse sentido, um enunciado não é o mesmo se proferido para uma professora, para um pai, para um marido etc. Vemos aqui, apenas insinuada,

uma noção de destinatário ligada à ideia de representação, já que se trata de mudanças de papéis sociais.

A noção de outro/destinatário ganha uma dimensão de representação mais robusta, sobretudo, a partir do modo como é tratada em Bakhtin (2011). Embora essa noção não seja discutida de forma explícita pelo autor, é abordada por ele: (a) quando ressalta o interesse e a importância de analisar como o falante “representa para si os seus destinatários”; (b) quando ele assume que o falante tem “determinada sensação e compreensão do destinatário”; ou ainda (c) quando ele assume a existência de diferentes “concepções típicas” de destinatário (cf. BAKHTIN, 2011, p. 301-305). Independentemente de ser uma “representação”, “sensação”, “compreensão” ou ainda “concepção” de outro/destinatário (termos que interpretamos como usados por Bakhtin em relação de sinonímia), o que o autor busca por em relevo é que esse outro/destinatário não atua na construção do enunciado por aquilo que tem de físico/empírico, mas, sim, pelo modo como é representado pelo sujeito falante/escrevente.

Neste artigo, assumimos essa noção de outro/destinatário². Também para nós, os enunciados produzidos pelas crianças se direcionam para um outro/destinatário representado/sentido/compreendido ou, ainda, concebido pelos falantes/escreventes. O outro/destinatário não é uma figura acessória, mas, sim, determinante da escrita da criança: ele atua, em forma de representação, na constituição do projeto de dizer da criança. Portanto, os enunciados escritos infantis são afetados, desde sempre, por projeções de destinatários, determinantes daquilo que pode e deve ser escrito pela criança, incluindo suas “escolhas” ortográficas, gráficas, lexicais, morfológicas, sintáticas, semânticas etc.

2. O CORPUS E OS PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O corpus para a realização desta pesquisa é composto por enunciados infantis, elaborados no contexto de sala de aula, por crianças do Ensino Fundamental I. Ele foi construído

² Capistrano e Oliveira (2014) atrelam essa noção de outro/destinatário com a noção de outro de Authier-Revuz (1990), afirmando ser possível pensar esse outro/destinatário bakhtiniano como um dos diversos “outros” com os quais os sujeitos precisam imaginariamente negociar durante a produção do enunciado. Desse modo, no sentido de Authier-Revuz (1990), o outro “destinatário” seria também uma alteridade que, a depender da forma de negociação estabelecida pelo sujeito, pode ou não ser especificada em fragmentos do seu dizer. Em razão dos objetivos e dos propósitos deste artigo, essa discussão não será retomada.

a partir de um arquivo de produções textuais pertencente aos Grupos de Pesquisa (CNPq) Estudos sobre a Linguagem e Estudos sobre a aquisição da escrita (doravante, Arquivo EL – EAE). Esse arquivo é formado por aproximadamente 3000 enunciados infantis, recolhidos, quinzenalmente, ao longo de quatro anos, a partir de 55 propostas de produção textual diferentes, em dois colégios da rede pública de ensino, localizados na cidade de São José do Rio Preto, SP. Essas propostas foram aplicadas por uma pesquisadora que acompanhou as crianças durante todo o período de construção do arquivo de produção textual.

Dessas 55 propostas, selecionamos, inicialmente, todos os enunciados produzidos a partir das catorze (14) propostas realizadas no último ano do Ensino Fundamental I. Dessas catorze (14), optamos por analisar enunciados produzidos a partir de seis (6) propostas, considerados suficientes para a exploração de nosso objeto de investigação. O critério para essa seleção esteve relacionado a vários fatores, dentre os quais se destaca a variabilidade do gênero discursivo que deveria ser escrito pelas crianças a partir dos comandos de produção textual. Na tabela abaixo, fazemos uma breve descrição de cada uma dessas seis (6) propostas:

Tabela 1: Título e descrições das propostas

	TÍTULO	DESCRIÇÃO
P1	Dia Internacional das Mulheres	Nesse dia, o pesquisador solicitou que as crianças escolhessem o tema sobre o qual gostariam de escrever. Elas sugeriram alguns temas e após uma votação optaram pelo tema <i>O Dia Internacional da Mulher</i> .
P2	Criação de loja e venda de produtos	Nesse dia, o pesquisador solicitou que as crianças inventassem uma loja que deveria vender produtos e mercadorias para o Dia das Mães. Destacou que eles deveriam: inventar um nome para a loja, falar dos produtos e preços que a loja comercializaria e das promoções.
P3	Como chegar à minha casa?	Nesse dia, o pesquisador contou para as crianças como elas deveriam proceder para chegar até a sua casa. Em seguida, pediu que elas produzissem um texto contando como o pesquisador deveria proceder para chegar até a casa delas.
P4	Como gostaria que acabasse a novela?	Nesse dia, o pesquisador solicitou que as crianças escrevessem uma carta para o Gilberto Braga, autor da novela <i>Celebridade</i> , fazendo sugestões sobre como deveria terminar a novela.
P5	Preparar uma aula sobre olimpíadas	A pesquisadora pediu às crianças que escrevessem uma aula sobre olimpíadas, destacando que elas deveriam descrever como seria essa aula.
P6	Carta de despedida	Nesse dia, o pesquisador solicitou que as crianças escrevessem uma carta de despedida, opinando, principalmente, sobre a participação delas na construção de Banco de Dados.

Fonte: Arquivo EL – EAE

Independentemente de a proposta pedir a produção de uma “carta” ou de “uma aula”, o gênero produzido pela criança é, a nosso ver, uma “atividade escolar”. As diferenças entre uma

e outra proposta surgiriam, nesse sentido, dos diferentes “tipos” de atividades escolares. Apesar do caráter institucional das “atividades escolares” analisadas, paradoxalmente, não era esperado pela professora/pesquisadora que o escrevente enfrentasse essa atividade, de fato, como uma atividade escolar, mas, sim como os gêneros solicitados nas propostas (uma carta, uma propaganda, uma aula etc.). Em outras palavras, para atender, idealmente, o esperado pelas propostas, o escrevente precisaria entrar no jogo enunciativo delineado em cada uma delas, o que demandaria dele a habilidade de não deixar, em seu enunciado, marcas identificando seu enunciado como uma atividade escolar (e, portanto, produzida na escola para uma professora/instituição). Retomamos essa questão na apresentação de nossos resultados.

Essas 6 propostas de produção geraram 274 enunciados. Desses enunciados, em 66% (180), foram identificados indícios da atuação de mais de um outro/destinatário. Por essa razão, esses enunciados foram considerados “oscilantes”. Dados os limites deste artigo, vamos nos concentrar nos 180 enunciados nos quais foi observado algum tipo de oscilação no endereçamento, deixando para outra oportunidade a discussão dos enunciados nos quais essa oscilação não ocorreu.

Para investigar quais seriam as motivações para a existência de oscilação no endereçamento dos enunciados infantis, inspiramo-nos teórica-metodologicamente no Paradigma Indiciário, modelo epistemológico desenvolvido pelo historiador Carlos Ginzburg (1989). Essa opção foi feita por julgarmos – assim como Corrêa (2004), Abaurre et. al. (1997), Capistrano (2007) e outros – que a adoção desse paradigma, de caráter eminentemente qualitativo, poderia ser mais produtiva do que “a adoção de um paradigma inspirado nos modelos galileanos que governam a investigação no domínio das chamadas ciências exatas (...) para a investigação dos fatos concernentes à relação sujeito/linguagem” (ABAURRE et. al. 1997, p. 14). O Paradigma Indiciário funda-se na investigação do detalhe, do resíduo, do episódico, do singular (GINZBURG, 1989, p. 152), valorizando dados que, por sua particularidade, seriam descartados em outros modelos científicos. O foco no detalhe obriga o pesquisador a adotar um “rigor flexível” Ginzburg (1989), postura científica na qual entra em jogo a intuição do pesquisador para a identificação dos dados, vistos como indícios do que se busca investigar. Foi

o que fizemos: lançamos um olhar intuitivo para os enunciados escritos analisados, em busca de identificar pistas de seus endereçamentos³.

Em um primeiro momento, olhamos para todos os enunciados produzidos, buscando, a partir de “faro”, “golpe de vista” e “intuição” (GINZBURG, 1989), identificar pistas e/ou indícios de endereçamento, observando, sobretudo, as dimensões linguísticas e enunciativas desses enunciados. Essas pistas foram identificadas na ausência/presença de pontuação, na seleção do léxico, nas diferentes formas de organização da coesão e da coerência textual, na disposição gráfica dos enunciados, na ausência/presença de desenhos, na emergência ou no silenciamento de conteúdos previstos para o enunciado etc. Essa busca foi feita proposta por proposta, pois, devido às peculiaridades de cada uma, as pistas indicativas de endereçamento tinham características muito distintas, fato que requiritava do pesquisador um redirecionamento do olhar à medida que mudavam as propostas e os enunciados. Na seção seguinte, apresentamos os resultados alcançados por meio das diretrizes metodológicas descritas, bem como as discussões feitas a partir desses resultados.

3. A OSCILAÇÃO NO ENDEREÇAMENTO

Como antecipado, foram examinados 274 enunciados escritos, gerados por 6 propostas de produção textual, dos quais 180 (66%) foram classificados como enunciados “oscilantes”, uma vez que se deixavam marcar pela atuação conjunta de diversos outros/destinatários. A Tabela 2 sintetiza os outros/destinatários identificados nos enunciados de cada proposta. Nessa tabela, há uma distinção entre endereçamento “previsto” (EP) e “não-previsto” (ENP), como forma de orientar as análises quando se faz necessário mencionar aquele endereçamento que, pela proposta, supõem-se como mais esperado/previsto/típico. Não se trata, pois, de um cálculo de maior ou de menor adequação do enunciado ao esperado pela proposta.

Os resultados apresentados na Tabela 2 permitem ver que os outros/destinatários determinantes das escolhas linguísticas e enunciativas dos escreventes são, em geral, bastante distintos, a depender da proposta. Em P1, por exemplo, vê-se (linha vertical) a atuação desde

³ O fato de esta pesquisa ter caráter qualitativo e indiciário não desconsidera a possibilidade de lidarmos também com dados quantitativos, pois, como também se defende nesse paradigma, a busca indiciária pelos dados não obriga a exclusão absoluta da regularidade, mas, ao contrário, prevê que a resolução de um problema pode passar pela remissão a essas regularidades.

outros/destinatários típicos de gêneros das esferas mais cotidianas (como é o caso das “mulheres que apreciariam homenagens ao Dia Internacional das Mulheres, da “professora/colega” e do “telespectador de TV”) até outros/destinatários típicos de esfera jornalística, como é o caso do “público leitor de textos jornalísticos”.

Em P2, igualmente, observa-se (linha vertical) a atuação de endereçamentos bastante diversos, dividindo-se, no geral, entre aqueles típicos de gêneros mais institucionais (como é o caso de “público potencial para fazer doações a entidades filantrópicas”; “instituição escolar” e “público para comprar presente para o dia das mães”) e aqueles típicos de gêneros mais cotidianos (como é o caso da “professora/colega” e da “mãe do escrevente”).

Tabela 2: Outros/destinatários

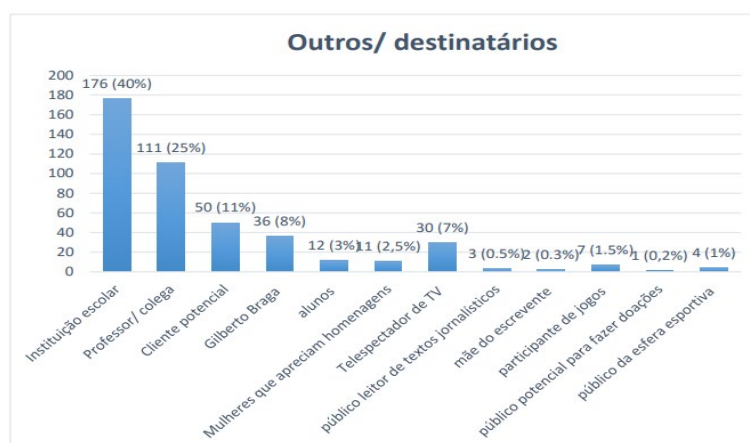
P	P 1	P2	P3	P4	P5	P6
EP	<i>Instituição escolar</i>	<i>Cliente potencial para comprar presente para o Dia das Mães</i>	<i>Professora/colega (que divide ou não o espaço sócio geográfico com o escrevente)</i>	<i>Gilberto Braga, autor da novela Celebridades</i>	<i>Alunos</i>	<i>Professora/colega</i>
ENP	Mulheres que apreciariam homenagens ao Dia Internacional das Mulheres	Instituição escolar	Instituição escolar	Instituição escolar	Instituição escolar	Instituição escolar
	Professora/colega	Professora/colega	Participante de jogos		Público da esfera esportiva	
	Telespectador de TV	Mãe do escrevente.			Telespectador de TV	
	Público leitor de textos jornalísticos	Público potencial para fazer doações a entidades filantrópicas			Cliente potencial	

Fonte: Adaptada de Capistrano (2016)

Essa diversidade se mantém na proposta cinco, na qual se vê (linha vertical) a atuação de cinco outros/destinatários distintos, sendo dois deles típicos de gêneros mais escolares (“aluno” e “instituição escolar”); um de gêneros da esfera esportiva (“público da esfera esportiva”) e dois de gêneros mais próximos da esfera publicitária/comercial (“telespectador de TV” e “cliente potencial”). Nas propostas três, quatro e seis (linhas verticais), por sua vez, não houve tanta variabilidade.

Considerando a variabilidade (maior ou menor) na emergência de pistas do endereçamento dos enunciados infantis, chamou-nos a atenção, sobretudo, a existência de uma regularidade: a presença constante da instituição escolar (marcada em negrito na Tabela 2) nos enunciados das crianças. Esse endereçamento preferencial aparece tanto na proposta na qual é previsto (P1), quanto em outras, nas quais não é. Além disso, em análise mais atenta aos resultados referentes à instituição escolar, observamos também que a maior quantidade percentual de marcas linguísticas eleitas como pista de atuação do endereçamento era a de marcas indicativas da atuação desse endereçamento, como podemos verificar no Gráfico 1:

Gráfico 1: Outros/destinatários: regularidades



Fonte: Adaptado de Capistrano (2016)

Das 443 vezes nas quais foram identificadas pistas da atuação de algum outro/destinatário nos enunciados das crianças, mesmo excluindo o cabeçalho⁴ (uma das mais recorrentes pistas da instituição escolar), a instituição escolar foi o endereçamento mais presente, pois teve sua atuação percebida 176 vezes (40%) na dimensão linguística do enunciado.

Tanto a presença da instituição escolar nos enunciados das 6 propostas analisadas, quanto o fato de a maior quantidade de marcas eleitas como pistas do endereçamento indicarem a atuação dela (evidências correlatas) nos levaram à constatação de que a instituição escolar tem papel fundante para a emergência de oscilação no endereçamento, fato também ressaltado na pesquisa de Capistrano e Oliveira (2014). A instituição escolar atua como uma força

⁴ Nesse levantamento, por escolha metodológica, os resultados se referem aos enunciados sem a consideração dos efeitos que, neles, teriam a presença ou ausência de um cabeçalho.

discursiva determinante das representações construídas pelos escreventes sobre escrever na escola, ou seja, ela fundamenta e constitui a imagem que esses escreventes constroem sobre o que é permitido e o que é interdito para os seus enunciados escritos.

Essa constatação é sustentada por outra regularidade referente à recorrência do outro/destinatário “professora/colega”: esse destinatário aparece em quatro das seis propostas. Além disso, ele é o segundo endereçamento mais marcado: 111 vezes (25%). É comum ver a “professora/colega” atuando, nesses enunciados, como canalizadora das demandas da instituição escolar. Nessas atuações, a sua presença permite ver, também, a força discursiva da instituição escolar atravessando a representação do escrevente sobre o que é escrever na escola.

O fato de tanto a instituição escolar, quanto a professora/colega serem endereçamentos representados em uma única figura (a da professora) que, por sua vez, divide o espaço enunciativo-pragmático da sala de aula com o escrevente, permitiu outra constatação: a instituição escolar atua também em prol das oscilações no endereçamento pela partilha da cena enunciativo-pragmática entre o escrevente e a professora – ora representada pelo escrevente como colega, ora como canalizadora das demandas da instituição escolar. Essas duas constatações serão exploradas com maior detalhamento nas seções subsequentes, na ordem inversa da mencionada aqui.

3.1 A PARTILHA DA CENA ENUNCIATIVO-PRAGMÁTICA

Todo enunciado deve manter vinculação estreita com a “situação pragmática extraverbal”, no sentido de Bakhtin e Volochínov (1986). Segundo os autores, o discurso verbal não é autossuficiente “Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. [...] tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação” (BAKHTIN E VOLOSHÍNOV, 1986[1929], p. 189).

A situação pragmática extraverbal da qual os enunciados analisados surgiram é, como sinalizado antes, uma situação institucional que envolve a participação tanto da professora/pesquisadora quanto dos alunos no ambiente de uma sala de aula. Devido às condições históricas integrantes dessa situação, os enunciados produzidos pelos escreventes seriam recolhidos pela professora/pesquisadora. O fato de tanto o outro/destinatário

“instituição escolar” quanto a “professora/colega” serem os mais recorrentes nos enunciados das crianças, a nosso ver, estaria diretamente relacionado à situação enunciativo-pragmática da qual esses enunciados emergem.

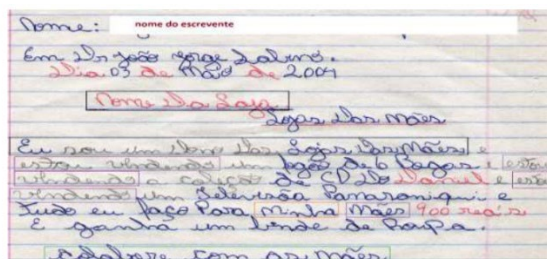
Essa situação não é entendida apenas pelo seu imediatismo físico-temporal, mas, para além disso, envolve também todo o entorno sócio-histórico-ideológico. No caso da escola ou, mais especificamente, da sala de aula onde os enunciados analisados foram produzidos, ao mesmo tempo em que essa sala se marca como um espaço físico (com a disposição das cadeiras enfileiradas, professora de um lado e alunos de outro), ela é também constituída sócio, histórica e ideologicamente, uma vez que existe um conhecimento sócio historicamente construído a respeito da função exercida por esse espaço na sociedade: no caso de uma sala de aula, essa função é a de acomodar situações de interação nas quais, por um lado, tem-se, por exemplo, uma figura ocupando uma posição a partir da qual precisa estabelecer uma série de demandas para atender aos regimentos de uma instituição e, por outro, figuras ocupando posições a partir das quais precisam cumprir com essas demandas.

Apesar da existência dessas necessidades institucionais, não se pode negar que, por conviverem muito tempo juntos nessa situação, professora/pesquisadora e alunos podem estabelecer relações pessoais/afetivas que transcendem os limites institucionais. Essa dupla relação entre os participantes da comunicação discursiva incide na divisão da representação feita pelos escreventes da figura da professora/pesquisadora entre colega e canalizadora das demandas da instituição escolar.

Desse modo, quando a relação pessoal criada entre professora/pesquisadora e alunos se torna mais saliente nessa representação, junto às marcas selecionadas em função do outro/destinatário previsto (ou não) pela proposta, o escrevente selecionaria marcas em função da representação da figura da professora/colega marcada por relação (quase sempre, afetiva). Exemplo disso são as frequentes marcas de despedida afetiva seguida do nome da professora/pesquisadora (“Amo você [nome da pesquisadora]”) nos enunciados das crianças, mesmo quando essas marcas não são esperadas – como ocorre na Figura 2.

Igualmente, quando as demandas institucionais canalizadas na figura da professora são mais atuantes nessa representação, junto às marcas determinadas pelo outro/destinatário previsto (ou não) pela proposta, o escrevente selecionaria recursos linguístico-enunciativos em

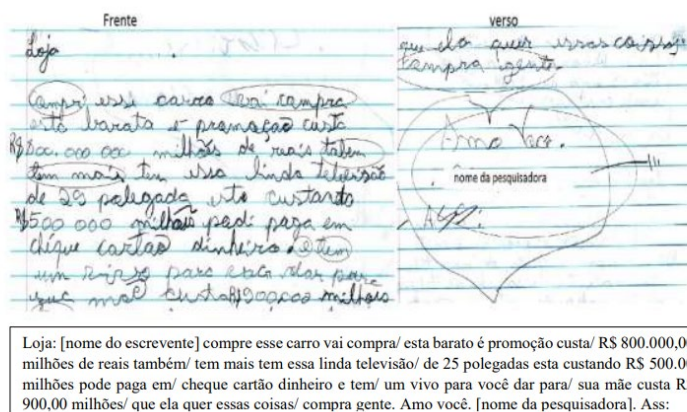
função de atender a essas demandas. Exemplo disso seria a presença do indício “nome da loja” e “loja” nos enunciados oriundos da proposta dois (Figuras 1 e 2), tendo em vista que ela seria selecionada na tentativa de marcar de forma explícita o cumprimento da demanda da proposta, na qual se pedia aos escreventes a criação de um nome para a loja inventada por eles.



Nome: [nome do escrevente]. Em Dr João Jorge Sabino/ Dia 03 de Maio de 2004/ Nome da Loja/ Lojas Das Mães/ Eu sou um Dono das Lojas das mães e/ estou vendendo um fogão de 6 bocas e estou /vendendo a coleção de CD do Daniel e estou /vendendo uma televisão Panasonic e/ tudo eu faço para minha mães 900 reais/ e ganha um brinde de roupa/ colabore com as mães.

Figura 1 – Nome da loja

Fonte: Arquivo EL – EAE



Loja: [nome do escrevente] compre esse carro vai compra/ esta barato é promoção custa/ R\$ 800.000,00 milhões de reais também/ tem mais tem essa linda televisão/ de 25 polegadas esta custando R\$ 500.00 milhões pode paga em/ cheque cartão dinheiro e tem/ um vivo para você dar para/ sua mãe custa R\$ 900.00 milhões/ que ela quer essas coisas/ compra gente. Amo você. [nome da pesquisadora]. Ass:

Figura 2 – Nome da loja

Fonte: Arquivo EL – EAE

Nas pistas de endereçamento dos enunciados das crianças, o fato de captarmos a finalidade de “cumprir demandas institucionais” seria resquício do vínculo estreito desse enunciado com a situação social escolar da qual emerge, ou, em outros termos, o vínculo dessas marcas à situação enunciativo-pragmática da qual emergem se evidencia, quando, acreditando estar imerso no jogo enunciativo proposto, o escrevente deixa, subjacente a essas marcas, o não-dito: “cumpri com o que você pediu, professora”.

Esse vínculo – marcado tanto quando o escrevente direciona seu enunciado à professora/pesquisadora representada como canalizadora das demandas da instituição escolar, como quando o faz para a professora/pesquisadora representada como colega – faz surgir a oscilação entre produzir uma atividade escolar e produzir o gênero idealizado na proposta, ou melhor, faz surgir, na superfície do enunciado, o diálogo intergenérico entre esses dois gêneros. Apesar de esse movimento ser comumente não bem-avaliado nas escolas, ele não deve ser visto como um comportamento deficitário do escrevente. Ao contrário dessa visão, esses dados nos levam a pensá-lo como evidência da sensibilidade do escrevente para o funcionamento real desse gênero.

Assim, o fato de o escrevente ser afetado pela instituição escolar durante a produção dos enunciados analisados não significa uma incapacidade sua, mas, ao contrário, uma sensibilidade para o caráter “escolar” dos gêneros dessas propostas, no plano enunciativo-pragmático, um caráter que, muito embora exista, precisa, paradoxalmente, ser negado pelo escrevente para que este possa imergir no jogo enunciativo (ficcional) da proposta e, assim, ser bem avaliado.

3.2 A FORÇA DISCURSIVA NA REPRESENTAÇÃO DO ESCRIVENTE SOBRE O QUE É ESCREVER NA ESCOLA

Como a maior parte das marcas (176 ou 40%) eram direcionadas à professora/pesquisadora representada como uma canalizadora das demandas da instituição escolar, supomos que as demandas da instituição seriam mais fortemente atuantes na representação das crianças sobre a figura da professora/pesquisadora do que a própria relação afetiva estabelecida entre eles, uma vez que a quantidade de marcas que indiciavam a professora/pesquisadora representada como colega foi menor (111 ou 25%). Mais detalhadamente, entendemos que, além da partilha da cena enunciativo-pragmática ser fator motivador das oscilações (como buscamos defender na seção anterior), outro fator atuante em favor dessas oscilações do endereçamento seria uma força discursiva que atravessaria a representação do escrevente sobre o que é escrever na escola.

Para explorar melhor a constatação de que questões de ordem discursivas poderiam fortemente motivar oscilações no endereçamento, retomamos as reflexões de Brian Street e Joanna Street (2014), quando consideram a existência de concepções dominantes de letramento

que se apoiam em “uma força ideológica que controla as relações sociais em geral e, em particular, as concepções de escrita e leitura” (STREET; STREET, 2014, p. 121).

Conforme colocam os autores, existiria uma “concepção dominante” de letramento formada por uma “força ideológica” apoiada em uma “pedagogização” do letramento, concepção segundo a qual o letramento fica “associado às noções educacionais de Ensino e Aprendizagem e àquilo que professores e alunos fazem nas escolas (...)”. (cf. STREET; STREET, 2014, p. 122), como, por exemplo, avaliar de forma positiva a presença de cabeçalhos e títulos nas atividades.

Com base nessa reflexão e frente aos dados apresentados, é possível afirmar que as oscilações no endereçamento aparecerem nos enunciados devido ao fato de essa “força ideológica” da escolarização ou da instituição escolar atravessar a representação da criança sobre o que é escrever na escola. Essa força ideológica faz surgir um imaginário social de que letramentos não-escolares (como aqueles adquiridos em práticas cotidianas, televisivas, esportivas) são inferiores, marginalizados. Talvez também por isso, os escreventes tenham sido afetados muito menos por outros/destinatários típicos de gêneros que circulam em práticas não-escolares (como “mãe do escrevente”; “participante de jogos”; “telespectador de TV” etc.) do que pela instituição escolar.

Embora tenham sido menos recorrentes, essas marcas vindas de práticas não-escolares também apareceram nos enunciados das crianças. Esse aparecimento significa que, apesar da força ideológica e enunciativo-pragmática da instituição escolar, a inserção das crianças em práticas não-escolarizadas (como a televisiva e cotidiana, por exemplo) também é fator motivador da oscilação no endereçamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados neste artigo permitiram cumprir com o objetivo proposto – o de refletir sobre quais seriam as possíveis motivações para a existência de oscilação no endereçamento de enunciados infantis. Na análise dos dados, observamos que a instituição escolar seria o principal fator motivador das oscilações no endereçamento do enunciado e atuaria, pelo menos, de duas maneiras: (a) tanto pela força da cena enunciativo-pragmática, (b)

quanto pela força discursiva de sua interferência na representação do escrevente sobre o outro/destinatário a quem se dirige seu enunciado.

Pudemos verificar, no tocante à partilha da cena enunciativo-pragmática, que o contato frequente e longo da professora/pesquisadora com o escrevente construía um laço afetivo representado pelo escrevente em seus enunciados em marcas como “amo você”. Já no que tange à força discursiva, ponderamos que a oscilação no endereçamento ocorre prioritariamente pela presença do outro/destinatário “instituição escolar” que aparece em enunciados oscilantes devido ao fato de a representação da criança sobre o que é escrever (de forma adequada, correta...) ser atravessada pelo papel ideológico (STREET; STREET, 2014) desempenhado pela instituição escolar.

Frente a esse resultado, podemos argumentar que as pistas de endereçamento como as exploradas neste artigo deveriam ser enfrentadas, pedagogicamente, como um campo fértil para trabalhar com as “hipóteses que os alunos fazem, em suas produções textuais, ao estabelecerem relações previstas ou imprevistas entre gênero discursivos”, atentando, assim, “para o processo de escrita do aluno e não simplesmente para o produto final de sua atividade” (CORRÊA, 2013, p. 277). Os resultados e reflexões apresentados neste artigo podem contribuir, também, para uma melhor compreensão da escrita infantil (e, analogamente, da aquisição da escrita), por lançar luz ao funcionamento linguístico-enunciativo de um aspecto, até então, pouco explorado dos gêneros discursivos produzidos pelas crianças: o endereçamento.

Por fim, vale ressaltar a importância desta pesquisa para desconstruir posturas pedagógicas nas quais a oscilação no endereçamento é vista como um “desvio”, “erro” ou índice de déficit do escrevente. Em direção contrária a essa postura, vemos a oscilação do endereçamento como uma condição histórica e constitutiva da linguagem, de modo que, deixá-la transparecer no enunciado, longe de ser um “problema”, seria, a nosso ver, pista da sensibilidade do sujeito para essa condição. Assumindo a proposta de Corrêa (2006; 2013), assim como em Capistrano e Oliveira (2014), defendemos também que pistas que sinalizam para endereçamentos não familiares à tipicidade do gênero mostram, simultaneamente, a atuação de outros gêneros na constituição histórica do enunciado, tornando-se, desse modo, também pistas de relações intergenéricas.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. et al. **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990.

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

_____. Teoria do romance I: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. **Rev. Estud. Discurso**, v.11, n.1, São Paulo, jan./apr. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2176-457324424>>. Acesso em 12 maio. 2016.

_____. VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. (1986). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1929.

_____. VOLOSHINOV, V. N. Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. In: VOLOSHINOV, V. N. **Freudism**. New York: Academic Press, 1976.

CAPRISTANO, C. C. Um entre outros: a emergência da rasura na aquisição da escrita. **Linguagem em (Dis)curso** (Online), v. 13, p. 667-694, 2013.

_____. **Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita**. 2007. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, Unicamp, Campinas, 2007.

_____; OLIVEIRA, E. C. Escrita infantil: a circulação da criança por representações sobre gêneros discursivos. **Alfa: revista de linguística**, São José do Rio Preto, v. 58, n. 2, 347-370, 2014.

CORRÊA, M. L. G. **O modo Heterogêneo de constituição da escrita**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. **Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas**, v. 45, n.2, 205-224, 2006.

_____. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos pré-universitários. **Revista da ABRALIN**, v. eletrônica, n. especial, p. 333-356, 2011b.

_____. Bases teóricas para o ensino da escrita. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. Santa Catarina, v. 13, n.3, 481-513, 2013.



GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In _____. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p. 145-179.

STREET, B. V.; STREET, J. A escolarização do letramento. Tradução de Marcos Bagno. In: _____. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola, 2014. p. 121-145.

Cristiane Carneiro CAPRISTANO

Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (USP), Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestrado em Estudos Linguísticos e Graduação em Letras (Português/Italiano) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atualmente, é professora associada da Universidade Estadual de Maringá (UEM), vinculada ao Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias. É, também, professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE - UEM). Desde 2010, é líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) "Estudos sobre a aquisição da escrita", vice-líder, desde 2016, do Grupo de Pesquisa (CNPq) "Práticas de leitura e escrita em português língua materna" e integrante, desde 2001, do Grupo de Pesquisa (CNPq) "Estudos sobre a linguagem". Integra o Comitê de Assessores de Área (CAAs) da Fundação Araucária, área de Linguística, Letras e Artes (quadriênio 2020-2024).

Taynara Alcântara CANGUSSÚ

Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Graduiu-se em Letras Português e Inglês na mesma universidade em 2013. Professora do Instituto Federal do Paraná – campus Paranavaí.

Recebido em 22/fevereiro/2021 - Aceito em 02/novembro/2021